

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB  
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA - CCEN  
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS  
CURSO DE GEOGRAFIA**

**DO CAMPO PARA A CIDADE:  
Sazonalidade do trabalho de Ilha Grande,  
município de Juazeirinho para João Pessoa-PB.**

**ERICA ELANE JUVINO DE ARAÚJO**

JOÃO PESSOA  
MAIO/2017

ERICA ELANE JUVINO ARAÚJO

**DO CAMPO PARA A CIDADE:  
Sazonalidade do trabalho de Ilha Grande,  
município de Juazeirinho para João Pessoa-PB.**

Trabalho apresentado à  
Coordenação do curso de Geografia,  
como parte do cumprimento dos  
créditos para a obtenção do título de  
bacharel em Geografia pela UFPB

**Orientadora:** Prof. Dr<sup>a</sup>. Maria de  
Fátima Ferreira Rodrigues

JOÃO PESSOA

2017

João Pessoa/PB

2017

Autora: Erica Elane Juvino Araújo

**DO CAMPO PARA A CIDADE:  
Sazonalidade do trabalho de Ilha Grande,  
município de Juazeirinho para João Pessoa-PB.**

Termo de Aprovação: Monografia aprovada em 30/05/2017, com a Nota: ....., como pré-requisito para a obtenção do Título de Bacharel, ao nível de Graduação, no Curso de Bacharelado em Geografia, no Centro de Ciências Exatas e da Natureza, da Universidade Federal da Paraíba, a qual foi submetida à avaliação, pela Banca Examinadora composta pelos seguintes professores membros:

---

Orientador e Presidente da Banca

---

Examinador

---

Examinador

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo da minha trajetória, e não somente nestes anos como universitária, mas que em todos os momentos é o maior mestre que alguém pode conhecer.

A minha orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr. Fátima Rodrigues pelo suporte e o tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos, ao Prof<sup>o</sup> Marcelo Moura e Sinval Almeida pela generosa contribuição.

Agradeço a todos os professores por me proporcionaram o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional, por tanto que se dedicaram a mim.

Aos meus pais, Jovelina e Edmundo pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

Obrigada meus irmãos e sobrinhos, primos e especialmente meu companheiro e amigo Fellipe que nos momentos de minha ausência dedicados ao estudo superior, sempre fizeram entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente!

Meus agradecimentos aos meus amigos Geógrafos, companheiros de trabalhos e irmãos na amizade que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida com certeza. Aos trabalhadores que contribuíram com minha pesquisa e que me ensinaram valores que levarei por toda minha vida.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado!

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, meu socorro presente na hora da angústia. Ao meu pai Edmundo, minha mãe Jovelina, e a Fábio e Willian, que nos deixaram de forma tão precoce, a vocês minha gratidão.

## EPÍGRAFE

*Persistir é acreditar em si,  
Poder olhar pra trás e dizer 'eu consegui',  
Saber que o sonho sem meta é ilusão.  
(Start)*

## RESUMO

O movimento migratório sempre esteve presente no Brasil ao longo das décadas, estimulado por diversos fatores, porém, o principal destaca-se o fator econômico. Estas dinâmicas migratórias repaginou o povoamento no país, alicerçou as novas economias, trazendo assim uma diferenciação populacional e econômica por regiões ao longo dos anos. A região Nordeste sempre foi destaque como emissor de migrantes, entretanto, com o avanço das novas tecnologias que ocasionou o encurtamento das distâncias, as migrações tomam outra dimensão, sendo uma das mais presentes na Região Nordeste a migração sazonal torna-se uma alternativa para a necessidade de migrar sem perder as origens e a identificação cultural. O presente trabalho aborda as migrações sazonais provenientes dos trabalhadores da construção civil, no município de Juazeirinho-PB com enfoque no Povoado Ilha Grande e suas transformações econômicas e sociais resultante deste encadeamento, bem como a contrariedade advinda deste processo para estes trabalhadores. O ir e vir se adequa as necessidades impostas por este mundo globalizado, onde as distâncias tendem a ser encurtadas ainda mais se falando de trabalho e subsistência, mesmo diante de tanto desafios os migrantes se impõem buscando alternativas de sobrevivência. É nesse contexto que buscamos compreender os fatores externos que impulsionam esta mobilidade e que transformações ela é capaz de proporcionar, levando em consideração o capitalismo e a modernidade presente na sociedade nos dias atuais.

Palavras-chaves: Migração, trabalho, território.

## **ABSTRACT**

The migratory movement has always been present in Brazil throughout the decades, stimulated by several factors, but the main one stands out the economic factor. These migratory dynamics repaginated the population in the country, supported the new economies, thus bringing a population and economic differentiation by region over the years. The Northeast region has always been a prominent emitter of migrants; however, with the advancement of new technologies that led to the shortening of distances, migrations take on another dimension, being one of the most present in the Northeast Region, seasonal migration becomes an alternative to Migration without losing its origins and cultural identification. This paper deals with seasonal migrations from construction workers in the municipality of Juazeirinho-PB, focusing on the Povoado Ilha Grande and its economic and social transformations resulting from this linkage, as well as the contrariness of this process for these workers. The coming and going meets the needs imposed by this globalized world, where distances tend to be shortened even more if talking about work and subsistence, even in the face of so many challenges, migrants impose themselves in search of alternatives for survival. It is in this context that we seek to understand the external factors that drive this mobility and what transformations it is able to provide, taking into account capitalism and modernity present in society today.

Key-words: Migration, work, territoriality

## **LISTA DE SIGLAS**

ANA - Agência Nacional das Águas

INTRICOM/PB - Sindicato dos trabalhadores nas indústrias da construção e do imobiliário da Paraíba.

## **LISTA DE GRÁFICOS**

GRÁFICO 1: Distribuição anual da precipitação em Juazeirinho/ PB, 1994 a 2015

GRÁFICO 2: Distribuição das médias mensais da precipitação em Juazeirinho/ PB, 1994 a 2015

## **LISTA DE IMAGENS**

IMAGEM 1 : Bar Palhoção: Ponto de encontro dos trabalhadores da construção civil de Ilha Grande nos finais de semana

IMAGEM 2: Trecho da estrada de Ferro nas imediações do Sítio Ilha Grande - Juazeirinho/PB

IMAGEM 3: Residência de um trabalhador migrante

IMAGEM 4: Residência de um trabalhador migrante com características urbanas

## **LISTA DE TABELAS**

TABELA 1: Total e padrão anual das chuvas em Juazeirinho - PB, 1994 a 2015.

TABELA 2: Identificação dos entrevistados

TABELA 3 : Escolaridade e pretensões com a educação

TABELA 4: Atividade econômicas e bens materiais dos trabalhadores

TABELA 5: Rendimentos e motivos que levam os trabalhadores à migração temporária

TABELA6: Relação do trabalhador migrante sazonal com a terra e as políticas públicas

## **LITA DE MAPAS**

MAPA 1 : Mapa de localização da cidade de Juazeirinho no Estado da Paraíba.

MAPA 2 : Mapa de localização da cidade de Juazeirinho-PB.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO I: OS CAMINHOS DE CONSTRUÇÃO DA PESQUISA SOBRE A MIGRAÇÃO DOS TRABALHADORES DE ILHA GRANDE/JUAZEIRINHO.....</b>	<b>16</b>
<b>CAPÍTULO II: MOBILIDADE DO TRABALHO DO POVOADO ILHA GRANDE, NO MUNICÍPIO DE JUAZEIRINHO/PB PARA JOÃO PESSOA- PB.....</b>	<b>22</b>
<b>CAPÍTULO III: DO CAMPO PARA A CIDADE: O DESLOCAMENTO DE TRABALHADORES DE ILHA GRANDE/JUAZEIRINHO PARA JOÃO PESSOA.....</b>	<b>27</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>40</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>42</b>

## INTRODUÇÃO

As migrações existem desde o principio da história humana. De acordo com Jan Brzozowski (2012) as primeiras reações sobre os movimentos populacionais podem ser encontrados na Bíblia e outras fontes históricas da antiguidade. O êxodo dos judeus antigos do antigo Egito (aproximadamente em 1200 a.c), a migração dos gregos na região mediterrânea (desde 800 a.c) são apenas alguns exemplos desses processos. Existem vários tipos de migrações; o Brasil é um país que ao longo da sua história teve o território marcado através das migrações e imigrações, exemplo de migração em grande escala que foi resultante de mudanças significativas no Brasil, ocorreu na década de 1960 ocasionado pelas secas que assolaram o Nordeste do país, que resultou em migração de milhares de pessoas do sertão brasileiro para a região sudeste devido à falta de alternativa agrícola e consecutivamente de sobrevivência na região. Outro exemplo histórico foi à migração de nordestinos para a região Norte do Brasil no fim do século XIX. Isto se deu por dois motivos: o inicio do ciclo da borracha e a grande seca que assolou a região Nordeste. Destaca-se também a movimentação de migrantes nordestinos e sulistas em busca de uma vida melhor na Região Sudeste, único pólo industrial brasileiro na década de 1970.

As migrações internas ocorrem por vários fatores, em sua maioria são ocasionadas por fatores econômicos, ou seja, a busca por um trabalho, fuga das grandes secas e industrialização acentuada da agricultura, destas, destaco o êxodo rural, migração urbana, migração rural, migração pendular, nomadismo e migração sazonal. De acordo com o dicionário Aurélio da língua portuguesa, a migração é deslocar-se para outro lugar, país ou região (FERREIRA, 2016). Na geografia de acordo com Sampaio (1985) é um processo social resultado de mudanças estruturais, que resultam no deslocamento horizontal de pessoas de um determinado país e classe social para outra localidade e isto se dá por diversas razões. A migração é um movimento dinâmico que se caracteriza geralmente por fatores políticos, culturais, climáticos, religiosos, econômicos. Diante desta acentuação do processo de globalização a busca por melhorias financeiras tem se destacado no cenário nacional e local como sendo um dos fatores para o fenômeno migratório.

As migrações internas no Brasil têm suas origens num processo antigo, mas acentuou-se no fim do século XIX no auge dos grandes cafezais na região sudeste do

Brasil, vindo contribuir com o fim da escravatura e que graças a estas migrações houve mão de obra para a produção e aprimoramento dos trabalhos agrícolas.

Entre as décadas de 1940 e 1960 houve um fato que podemos citar como um fenômeno de grande expressividade no Brasil chamado de êxodo rural, conhecido pela locomoção de trabalhadores rurais que se deslocam até os grandes centros urbanos fugindo da fome e da seca em busca de trabalho e novas oportunidades de vida nas grandes cidades, tal fenômeno trouxe enormes transformações urbanas e sociais, sendo refletidas até hoje no Brasil, embora não seja em um número tão expressivo, a migração interna no Brasil continua por vezes como migração sazonal, pendular ou até mesmo a transumância.

A migração sazonal que é o tema da nossa pesquisa é caracterizada pela sua temporalidade, ocorre em alguns períodos do ano em forma de ziguezague sempre com períodos de retorno, nunca em definitivo. Este tipo de migração é muito comum nas cidades rurais do Brasil, geralmente são trabalhadores que, outrora sobreviviam apenas da agricultura, em períodos de longas estiagens, abdicam das suas tarefas rurais e migram para as grandes cidades em busca de sobrevivência e qualidade de vida.

A Paraíba é um estado em que está situado no polígono das secas, de acordo com a Lei 175/36 (revisada em 1951 pela Lei 1.348) que compreende diferentes zonas geográficas com distintos índices de aridez e sujeita a repetidas crises de prolongamento das estiagens. A área de estudo está integrada à cidade de Juazeirinho, no Seridó Paraibano localizado na Mesorregião da Borborema e na Microrregião do Seridó Oriental, cidade relativamente jovem com dimensão territorial de 467,523Km<sup>2</sup> e distância de 209 Km<sup>2</sup> da capital do estado. Teve sua fundação apenas no início do século XX, por grupos de tropeiros e condutores de animais de carga, que eram comerciantes e mensageiros vindos de Campina Grande. O município em pauta enfrenta costumeiramente longos períodos de escassez de chuvas, diante disto, o povoado Ilha Grande que está localizado a 8 km de distância da sede do município é um representante legítimo do processo de migração sazonal

A nossa pesquisa se desenvolveu no âmbito do Sítio Ilha Grande, com visitas periódicas, buscando justificar a nossa necessidade de conhecer as principais causas que fazem com que estas pessoas se desloquem da sua cidade de origem para outra localidade para trabalhar.

Na perspectiva de elucidar o tema nos propusemos a trabalhá-lo tendo como referência os seguintes objetivos:

Objetivo geral: Analisar as principais causas e consequências decorrentes do movimento migratório sazonal dos trabalhadores da construção civil do Sítio Ilha Grande / Juazeirinho - PB para a região metropolitana de João Pessoa e específico traçar o perfil socioeconômico dos trabalhadores que participam deste processo migratório enfocando seus reflexos socioeconômicos para a cidade e a sociedade Juazeirinhense. Apesar de serem notórias as respostas para algumas indagações ainda se faz necessário questionar quais implicações socioeconômicas ocorrem no povoado Ilha Grande / Juazeirinho – PB procedentes do movimento migratório sazonal dos trabalhadores deste povoado para os grandes centros urbanos? O que leva os trabalhadores Juazeirinhenses a abandonar seus familiares, sua terra natal para migrar para os centros urbanos? Quais alterações ocorrem nas relações sociais, no grupo familiar e no grupo de vizinhança transcorrido pelo processo migratório? A partir de então pensaremos migração como um desdobramento não apenas pessoal, mas social, também tendo um enfoque para as múltiplas faces da globalização e do capitalismo na fase em que se encontra, denominado por Milton Santos de período técnico científico informacional.

No começo dos tempos históricos, cada grupo humano construía seu espaço de vida com as técnicas que inventava para tirar do seu pedaço de natureza os elementos indispensáveis à sua própria sobrevivência. Organizando a produção, organizava a vida social e organizava o espaço, na medida de suas próprias forças, necessidades e desejos. A cada constelação de recursos correspondia um modelo particular. Pouco a pouco esse esquema se foi desfazendo: as necessidades de comércio entre coletividades introduziam nexos novos e também desejos e necessidades e a organização da sociedade e o espaço tinha de se fazer segundo parâmetros estranhos às necessidades íntimas ao grupo (SANTOS, 1994, p, 5)

Neste processo de globalização a qual a geografia caracteriza como período técnico científico informacional foram necessárias adaptações na organização da sociedade para se ter o equilíbrio e a sobrevivência, a região Nordeste sempre castigada por fatores climáticos e possuindo grande contingente populacional se adequa perfeitamente as necessidades migratórias.

As migrações do Nordeste do Brasil costumam ser associadas à questão da semi-aridez. De fato esse fenômeno climático associado à ineficiência das políticas públicas provocou ao longo da história do Brasil diversos ciclos e processos migratórios.

O estado da Paraíba está classificado como um dos estados mais secos do Brasil, de acordo com a ANA (agência nacional das águas) a Paraíba neste no mês de fevereiro de 2017, está classificada na categoria S3 com o percentual de 5 %útil com a descrição de seca extrema com impactos de grandes perdas de culturas/pastagem; escassez de água generalizada ou restrições por conta do stress hídrico. Estes fatores, além da concentração da terra e da ineficiência de políticas públicas contribuem diretamente para o processo migratório de trabalhadores para os grandes centros urbanos em busca de trabalho e melhorias de vida, geralmente, estes trabalhadores saem ainda jovem das suas cidades de origem em busca de uma vaga no mercado de trabalho e onde encontram estabilidade, acabam incentivando os parentes próximos a abdicarem do conforto do seu lar e do convívio com seus familiares para migrarem também em busca de uma oportunidade. É neste contexto que insere-se a pesquisa em pauta.

Os migrantes, trabalhadores da construção civil exercem funções diversificadas tais como pedreiros, ajudantes de pedreiros e armador, as empresas que os empregam estão em sua maioria sediadas na grande João Pessoa- PB, e oferecem alojamentos para estes trabalhadores temporários, constituindo essa cidade a área de maior atração dos trabalhadores juazeirenses.

O trabalho está estruturado em três capítulos que foram construídos a partir de pesquisa bibliográfica e do trabalho de campo, estando organizado da seguinte forma:

No capítulo I aborda-se a construção da pesquisa a partir da nossa vivência e das referências bibliográficas bem como a discussão metodológica do projeto.

No capítulo II aborda-se a descrição do nosso local de estudo através do recorte espacial adotado que se configura numa dupla escala a do município de Juazeirinho e do Povoado Ilha Grande no mesmo município.

No capítulo III aborda-se descrição do processo migratório sazonal, tema da nossa pesquisa, bem como dados obtidos através de pesquisa de campo e suas análises.

Nas considerações finais retomam-se as discussões sobre a importância econômica destes trabalhadores migrantes para o Povoado Ilha Grande bem como as transformações provenientes deste processo.

## **CAPÍTULO I: OS CAMINHOS DE CONSTRUÇÃO DA PESQUISA SOBRE A MIGRAÇÃO DOS TRABALHADORES DE ILHA GRANDE/JUAZEIRINHO**

Partindo da premissa de que migração geralmente é uma tentativa de “melhoria de vida” e que neste processo o trabalhador migrante passa pela transformação de trabalhador rural para trabalhador urbano, cabendo a ele adequar-se às imposições da vida urbana para obter um modo de ganhar a vida, trataremos a discussão metodológica do projeto.

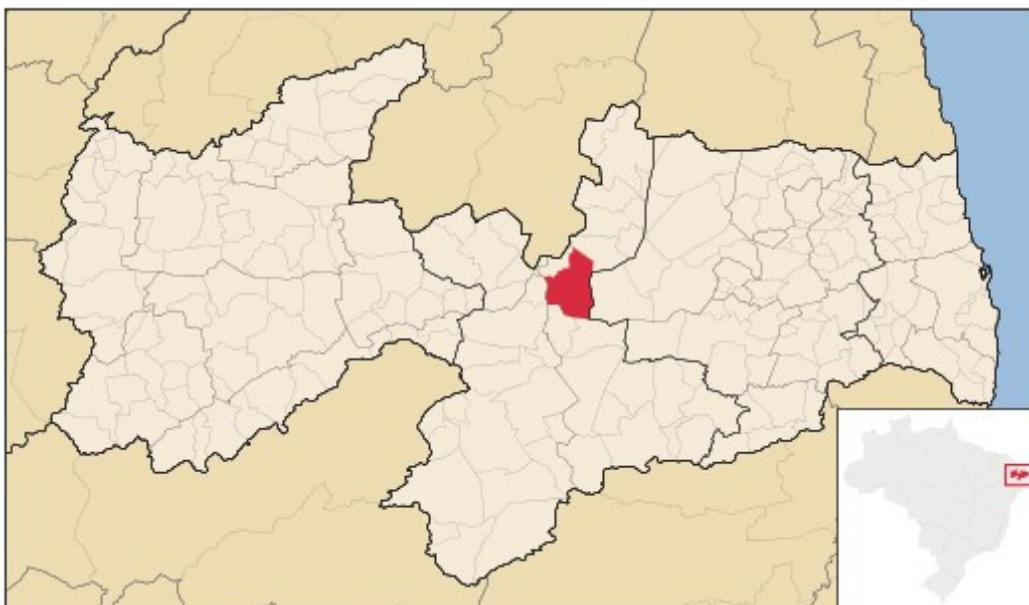
O item principal a ser tratado é o trabalho de campo que está situado dentro da História Oral ou História do Tempo Presente como nomeiam alguns historiadores. Vamos tratar da importância das entrevistas e das situações de contato que possibilitaram a organização dos dados da pesquisa.

A História Oral é uma maneira de reunir descrições sobre experiências primitivas e atuais de indivíduos em um determinado povo. Ao contrário das habituais entrevistas feitas com pessoas comuns, a História Oral entrevista em interioridade alguém importante na comunidade.

[...] a História Oral busca conhecer a História de fatos passados através do testemunho de pessoas que dele participaram, está recorrendo à memória do entrevistado. [...] E ainda, que lembrar é reconstruir o passado com os olhos e os valores de hoje, somando-se ao fato passado as experiências da vida do narrador. (LANG, 1996, p. 01)

Estudar o processo migratório sazonal dos trabalhadores da construção civil do município de Juazeirinho com o recorte espacial do Sítio Ilha grande, advém da minha história de vida, a qual está estreitamente ligada com o processo migratório e consecutivamente com a construção civil, meio de sobrevivência do meu pai, que por sobreviver do ofício de pedreiro teve que migrar de Juazeirinho, diante das adversidades e das circunstâncias relacionadas à seca e ao desemprego no campo, para a grande João Pessoa em busca de um meio de vida para prover a sua família. Diante de tamanha ligação com a temática senti-me instigada a pesquisá-lo, de modo que não poderia atentar para outra fonte de estudo que não fosse esta.

## **LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO**



**FONTE: familysearch.org 2015.**



**FONTE: Lima, Cavalcante e Fideles Filho 2016**

A pesquisa teve como principal instrumento o levantamento bibliográfico realizado na Biblioteca Central e setorial-CCEN, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) além de artigos acadêmicos e teses de mestrado e doutorado disponibilizados

nas bibliotecas virtuais das universidades do Brasil, bem como artigos obtidos em portais especializados, a exemplo do portal da Scielo, da Capes e sites de programas de Pós-graduação do Brasil.

Utilizei dados quantitativos obtidos através da pesquisa de campo, dados estes coletados através de entrevistas realizadas com os trabalhadores migrantes da construção civil do Sítio Ilha Grande em Juazeirinho-PB, estes dados possibilitaram a construção de um perfil do migrante bem como fatores sociais e econômicos atrelados a todo o processo migratório que contribuíram para uma melhor compreensão do tema.

A pesquisa de campo foi realizada em Ilha Grande e na Sede do município de Juazeirinho, buscando uma melhor percepção do objeto de estudo, também embasado nas pesquisas bibliográficas, em fontes documentais coletados em órgãos oficiais, voltados para a temática.

As entrevistas foram realizadas no Sítio Ilha grande- Juazeirinho e no alojamento de alguns destes trabalhadores no bairro de Tambaú na cidade de João Pessoa, onde foram entrevistados de forma aleatória trabalhadores que migram para trabalhar na construção civil, totalizando 21 entrevistas semiestruturadas.

A entrevista semiestruturada assemelha-se a uma interação, dirigida a definidos temas. Embasa-se num roteiro de entrevista ajustável e sem maiores rigidez pré-determinada. A excelência deste tipo de entrevista consiste na sua versatilidade.

Foi realizada também uma entrevista com o sindicalista Paulo Marcelo, presidente do SINTRICOM/PB (Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção e do Mobiliário da Paraíba) que contribuiu com dados importantes para a construção deste trabalho, além de proporcionar um diálogo e o conhecimento das dificuldades como: a jornada de trabalho, as reivindicações e melhorias destes trabalhadores junto ao sindicato da categoria, tudo isso foi enriquecedor.

A dificuldade de acesso aos trabalhadores para a realização das entrevistas foi um ponto de adversidade na nossa pesquisa, tendo em vista que esses trabalhadores passam a semana de segunda à sexta-feira nas construções, retornando apenas na sexta-feira, após o fim do expediente para as suas residências, tornando assim inviável o acesso a esses trabalhadores no seu ambiente de trabalho. Diante desses empecilhos optamos por nos deslocarmos até o Sítio Ilha Grande/ Juazeirinho para facilitar o contato com os trabalhadores, entretanto, no fim de semana é um dia dedicado ao lazer, rever amigos, família, sendo este mais um impasse para o acesso aos nossos

entrevistados. Mesmo assim foi possível encontrar com alguns trabalhadores em casa, outros nos foi dada a viabilidade de dialogar em um ambiente mais descontraído, que é utilizado nos finais de semana como ponto de encontro desses trabalhadores; um bar, chamado Palhoção da Ilha, local onde, com facilidade, encontramos vários destes trabalhadores que prontamente se dispuseram a contribuir com a nossa pesquisa, o que viabilizou então dar um passo importante no avanço da obtenção de dados para a pesquisa.

IMAGEM 1: Bar Palhoção: ponto de encontro dos trabalhadores da construção civil de Ilha Grande nos finais de semana.



FONTE: Erica Elane (2017).

A forma calorosa e receptiva com que foi recebida pelos trabalhadores a minha proposta de estudo os levou a sugerir, como uma forma de contribuição deles para com a minha pesquisa, o convite para conhecer o alojamento de partes desses trabalhadores na cidade de João Pessoa, uma residência, alugada pela construtora que serve para alojá-los. A casa está localizada no bairro de Tambaú e abriga aproximadamente 35 homens, não apenas da cidade de Juazeirinho, mas de outras cidades do interior do estado, concentrado a maioria dos trabalhadores sujeitos desta pesquisa. Esta residência continha dois banheiros, um fogão à gás e várias camas beliches e redes situadas no dormitório; a comida é servida pela empresa, café e almoço; sendo responsabilidade dos trabalhadores proverem seu jantar, diante disto é feito um rodízio do cozinheiro, aqueles que tem o maior domínio na cozinha passam a preparar o jantar, aos outros são atribuídas outras tarefas como limpeza e manutenção do local de vivência, já os mantimentos são comprados mediante a contribuição de todos.

Diante de tamanha oportunidade de vivência na realidade destes trabalhadores ainda nos foi dada a oportunidade de fazer mais algumas entrevistas e consecutivamente formou-se uma roda de discussão sobre; como é ser um migrante e quais são as dificuldades encontradas para residir em uma cidade e trabalhar em outra, para eles não se trata de um capricho ou uma de uma opção, mas uma necessidade, pois viver e trabalhar no Sítio Ilha Grande em Juazeirinho significa pobreza, passar por dificuldades financeiras por falta de opção de trabalho, e mesmo sendo submissos a tamanhas privações sejam elas do conforto do lar à pouca convivência com a família, compensa chegar no fim do mês e ter o dinheiro para prover as necessidades das sua famílias. São estes fatores que fazem com que centenas de trabalhadores não apenas de Juazeirinho, mas de outros municípios do estado da Paraíba que sofrem com as mesmas mazelas sociais e econômicas abduquem da convivência familiar e se sacrifiquem através da migração para se condicionar a possibilidade de obter um trabalho com períodos e salários maiores que nas suas cidades de origem.

## **CAPÍTULO II: MOBILIDADE DO TRABALHO DO POVOADO ILHA GRANDE, NO MUNICÍPIO DE JUAZERINHO/PB PARA JOÃO PESSOA-PB**

Morar no município de Juazeirinho significa conviver com longos períodos de estiagens e com a paisagem da seca. Estes aspectos geográficos marcam de forma constante o cotidiano dos habitantes do campo e da cidade. É neste contexto que se situa o tema desta pesquisa cuja narrativa é construída numa perspectiva interdisciplinar. O recorte espacial adotado se configura numa dupla escala a do município de Juazeirinho, tendo como estudo de caso o povoado de Ilha Grande e sujeitos sociais do campo em sua relação com a cidade dentre outras relações como as de parentesco. Falar sobre o tema remete a buscar reconstituir a memória do lugar, trazendo pedaços de suas origens.

Os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar, mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim, simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo. (CERTEAU, 1994, p.189)

Para Milton Santos, lugar é definido como espaço com dois parâmetros o do conhecimento diário das pessoas e o das demandas políticas, culturais e sociais, frutos

do sistema de globalização. Tais lugares estão estreitamente ligados a uma dimensão cultural individualizada a um sentimento de pertencimento guardados na memória de cada indivíduo do seu lugar de origem.

Partindo para a premissa da nossa pesquisa essas origens de que falamos vinculam-se a região do Seridó e a uma família que investiu fortemente na produção do algodão mocó (*Gossipium hirsutum*), que é um tipo arbóreo e perene, resistente às secas e de alta qualidade; com ele foram adquirindo posses e contribuindo com o crescimento daquele povoado que futuramente seria a cidade de Juazeirinho. É de grande influência e importância a família Marinheiro para o município, além de serem proprietários de grandes posses de terras, tinham grandes ligações com o comércio de algodão. Na época o plantador podia tomar dinheiro emprestado ao comprador com o “algodão na folha”. Este produto tinha tal reconhecimento que era considerado uma moeda quanto mais se tinha, mais influência podia se ter. Assim Severino Marinheiro era um tipo de banqueiro e conseguiu muitas amizades. Seu exemplo apóia a tese de que as atividades ligadas ao algodão foram responsáveis pela formação de vilas, povoados e cidades. (ARAÚJO, 2006, p.31)

As boas notícias de que um novo povoado se desenvolvia nas proximidades atraíram camponeses em busca de terra, trabalho e moradia. A família Marinheiro investia fortemente na produção de bolandeira, máquina usada para descaroçar o algodão, seus filhos também tomaram parte dos negócios, uma das netas de Joaquim Marinheiro, Berlamina, casou-se com Pedro Barros, também um dos fundadores de Juazeirinho e do povoado Ilha Grande, que doou vários terrenos para a construção de moradias para os novos agregados daquela região. Começa a partir de então um desenvolvimento naquela localidade, cada qual exercia uma função de acordo com o seu conhecimento, desde funções mais básicas, a utilidades mais sofisticadas para a sociedade.

O povoado Ilha Grande, localiza-se a 7 km<sup>2</sup> do centro da cidade, foi um dos primeiros povoamentos do município de Juazeirinho, por sua localização as margens da estrada que na atualidade é a BR 230. A aglomeração de grandes famílias no povoado Ilha Grande ocorreu a partir das oportunidades de trabalho geradas por fazendas próximas àquela comunidade. A família de Carlos Berlamino uma das primeiras a residir no lugarejo trazia dez filhos os quais trabalhavam na agricultura e em escavação de açudes nos vilarejos vizinhos. A continuação da família e a ação dos seus

descendentes popularizou aquela região Ilha Grande que possui um conjunto de características que formalmente destacadas compõem o cenário onde habitam os moradores do povoamento que tem como caracterização social predominante as relações de parentesco de duas famílias tradicionais no povoado, a família Carlos Araújo e a família Justino, estas famílias foram as fundadoras deste arruado e ainda hoje residem na mesma localidade com um sentimento de pertencimento àquele espaço geográfico e as suas culturas provenientes de um universo de relações pessoais que envolve não apenas a família, mas amigos e conterrâneos.

A população estava crescendo a passos largos, e Juazeirinho no dia 16 de Janeiro de 1956 recebe a chegada do trem, depois de quarenta anos de expectativas. Muitos trabalhadores dividiam seu tempo entre a agricultura e a construção da linha férrea, a empresa Poliê credenciava os seus trabalhadores e a cidade ficava repleta de alvoroço e ansiedade pela chegada do trem, o povoado Ilha Grande seria beneficiado com esta construção, pois a estrada de ferro passaria no seu interior, criando novas perspectivas que compensariam, os seus habitantes que resistiam às dificuldades e permaneciam ali na esperança de dias melhores.

Com a chegada do trem não havia mais necessidade de deslocamento. Essa facilidade atraiu para a cidade agricultores de várias localidades para comercializar o algodão. Os comerciantes locais compravam o algodão descaroçavam, prensavam e guardavam o produto em armazém para guardar. O trem que transportava o algodão para o porto de Cabedelo e de lá seguia para a Europa e Estados Unidos. (...) Pois a velocidade do trem trouxe intercâmbio rápido (...). O trem tanto levava mercadoria como trazia. Gerou riqueza no início do século XX o algodão agora é o “ouro branco” que impulsionou o desenvolvimento da indústria especializada no produto. (ARANHA 2006)

IMAGEM 2: Trecho da estrada de Ferro nas imediações do Sitio Ilha Grande



Fonte: Erica Elane (2017).

No que concerne às características físicas e ambientais Juazeirinho encontra-se localizada na unidade geomorfológica Paraibana da superfície da Borborema. O clima na região é o semiárido, clima que se caracteriza por pouca chuva, de acordo com a classificação de Koppen, com a sigla Bsh( BS = clima semiárido, h = alta temperatura).

### **SÍNTESE DA PRECIPITAÇÃO PARA JUAZEIRINHO, PB (1994 e 2015)**

De acordo com a classificação climática proposta por Mendonça e Danni – Oliveira (2007) o tipo climático de Juazeirinho é semiárido, também chamado de clima tropical equatorial com 9 a 11 meses secos. A média histórica das chuvas do período de 1994 a 2015 é de 494,7 mm/ano, com chuvas concentradas nos meses de março e abril.

GRÁFICO 1 – Distribuição anual da precipitação em Juazeirinho/ PB, 1994 a 2015



Fonte: AESA, 2016  
Organização: Marcelo de Oliveira Moura

TABELA 1 - Total e padrão anual das chuvas em Juazeirinho/ PB, 1994 a 2015

Anos	Total (mm)	Padrão*	Anos	Total (mm)	Padrão*
1994	510,1	Habitual	2005	607,3	Chuvoso
1995	541,9	Habitual	2006	689,4	Muito Chuvoso
1996	358,3	Muito Seco	2007	336,9	Muito Seco
1997	365,1	Muito Seco	2008	677,7	Muito Chuvoso
1998	126,9	Muito Seco	2009	816,2	Muito Chuvoso
1999	341,6	Muito Seco	2010	592,9	Chuvoso
2000	988,7	Muito Chuvoso	2011	752,3	Muito Chuvoso
2001	515,5	Habitual	2012	151,6	Muito Seco
2002	609,4	Chuvoso	2013	254,1	Muito Seco
2003	271,1	Muito Seco	2014	437,3	Seco
2004	675,0	Muito Chuvoso	2015	263,3	Muito Seco

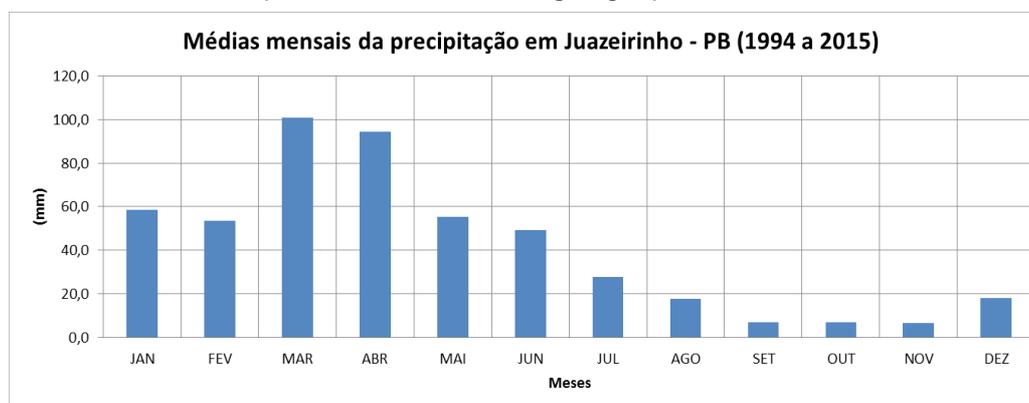
\*Padrão da precipitação anual quanto ao desvio absoluto relativo em relação média anual do período 1994 a 2015 (494,7 mm/ano): Muito Chuvoso (desvio > 25%); Chuvoso (12,5% a 25%); Habitual (-12,5% a 12,5%); Seco (-25% a -12,5%) e Muito Seco (desvio < -25%).

Fonte: AESA, 2016

Organização: Marcelo de Oliveira Moura

- ✓ Anos excepcionalmente secos da série: 1998 (126,9 mm) e 2012 (151,6 mm);
- ✓ Anos excepcionalmente chuvosos da série: 2000 (988,7 mm) e 2009 (816,2 mm).

GRÁFICO 2 – Distribuição das médias mensais da precipitação em Juazeirinho/ PB, 1994 a 2015



Fonte: AESA, 2016

Organização: Marcelo de Oliveira Moura

- ✓ Meses historicamente mais secos do ano: setembro (6,7 mm), outubro (6,8 mm) e novembro (6,5 mm);
- ✓ Meses historicamente mais chuvosos do ano: março (100,9 mm) e abril (94,3 mm).

A vegetação é denominada caatinga, nome dado à vegetação lenhosa e xerófila, composta de árvores, arbustos e plantações herbáceas com adaptações especiais para sobreviver no tempo de seca. A perda de folhas na época da seca, folhas pequenas, reservatórios na raiz (umbuzeiro) ou no tronco (barriguda e cactácea) uma epiderme grossa, raízes compridas ou fechamento dos estômatos durante o dia. (GIULIETTI 2004)

A alternativa pela migração no povoado Ilha Grande vem desde meados da década de 1970 quando os bravos e principiantes migrantes deram os primeiros passos em direção às grandes cidades em busca de trabalho. A cidade de São Paulo era de início o alvo principal, porém mediante as dificuldades de transporte na época, João Pessoa e Campina Grande passa a ser a alternativa mais viável para esta mudança. Sobreviver da agricultura passa a ser quase impossível, o que era possível colher não dava para sobreviver, as famílias passavam a partir de agora a ter divisões de tarefas, as mulheres e as crianças maiores eram responsáveis pela manutenção de água da casa as quais eram retiradas dos açudes mais próximos e ida ao roçado fosse para plantar, arar a terra ou até mesmo para limpar os roçados na expectativa de uma chuva para realização do plantio, enquanto isto, os maridos se deslocavam para as grandes cidades para trabalhar na construção civil, retornando em casa apenas quinzenalmente quando se tinha condições para isto, deixando toda responsabilidade familiar e da casa aos cuidados das mulheres, este regresso demorava apenas 2 dias, tempo suficiente para ver a família e trazer o dinheiro que servia para manutenção da casa, diante de tal visita novas ordens eram instituídas fosse sobre comportamento dos filhos ou até mesmo novas tarefas a serem realizadas.

Ainda pela madrugada partiam em comboio para as margens da BR à espera do ônibus que os levariam de volta para a cidade, naquela época, os alojamentos eram precários, deixando o trabalhador marginalizado e com baixa remuneração, entretanto estas eram as suas alternativas para sobreviver, e assim eram repassados os contatos de trabalho e cada vez mais, novos trabalhadores outrora, trabalhadores rurais deixavam sua terra periodicamente para ser um trabalhador urbano, os filhos assim que chegavam à idade de trabalhar, independente de vontade ou não de estudar precisava migrar para ajudar os pais com as finanças, não existia possibilidade de priorizar a educação dos filhos o essencial era um trabalho para sobreviver.

Hoje, diferentemente existe uma maior preocupação em qualificação na educação dos filhos, existe uma nova forma de interpretar a real necessidade dos estudos, eles são capazes de compreender que é através da educação que se pode ter uma ascensão ocupacional, permitindo a estes jovens a passagem para um trabalho não braçal como o dos seus pais, mentalidade esta que também foi agregada às novas condições de trabalho e vida destes trabalhadores.

É perceptível o discurso dos trabalhadores no que compete ao futuro dos filhos e das futuras gerações, uma busca incessante de melhorias atribuída a todo sacrifício advindo deles na atualidade.

No relato a seguir, Sr. Robério, trabalhador da construção civil, migrante sazonal, pedreiro, esta há mais de vinte anos migrando temporariamente para trabalhar em obras da construção civil, fala com orgulho dos filhos, ressaltando a nossa observação no que diz respeito a educação e ao futuro dos filhos:

\_Tenho cinco filhos, um já está bem encaminhado, estuda na IFPB, faz mineração. A minha filhatá fazendo cursinho de pré vestibular para cursar enfermagem em Campina Grande e o outro tá terminando os estudos para fazer o ENEM, quer ser veterinário. [...] Eu sempre falei para eles, estudem, façam o que eu não pude fazer, enquanto vocês tem seu pai para ajudar vocês, tudo que eu poder fazer por eles para que tenham um futuro melhor do que o meu, farei. [...] O que a gente ganha aqui é até bom, mas o sacrifício que a gente faz é muito maior, eles têm a oportunidade de trabalhar, ganhar bem sem precisar passar pelo que eu passo para sustentar todos eles, este é meu conselho diário para meus filhos. (Entrevistado 01)

A perspectiva de melhorias presente e futuras impulsiona esses homens, trazendo de certa forma um acalento para tantas dificuldades, superar a distância, ausência de família, tudo isto faz parte da superação.

### **CAPÍTULO III: DO CAMPO PARA A CIDADE: O DESLOCAMENTO DE TRABALHADORES DE ILHA GRANDE/JUAZEIRINHO PARA JOÃO PESSOA**

A dinâmica das migrações tem sido alvo de estudo nos últimos anos, a modificação do espaço através do processo migratório nas pequenas e grandes cidades nos fazem refletir quanto a sua dinâmica enquanto alternativa ou problema, tais circunstâncias na sua maioria estão atreladas ao capital e as suas necessidades.

A migração sazonal é dinâmica, tendo em vista que se origina das necessidades de buscar alternativas de sobrevivência e perspectivas de melhorias de vida fora do âmbito rural.

Para Menezes (2004), a migração não é mera transferência de força de trabalho entre as regiões menos desenvolvidas (que expulsam) para as mais desenvolvidas (que atraem), nem é simplesmente um movimento entre setores arcaicos e modernos, com os agentes sociais sendo apenas vítimas de um processo determinado pela estrutura social ou pelo processo de acumulação capitalista. Os trabalhadores não são apenas um ponto participantes deste processo, mas são participantes ativos, ou seja, engrenagem para o sistema, tendo embora seu objetivo na maioria das vezes apenas a subsistência.

O primeiro passo para obtenção de dados da nossa entrevista, foi uma visita ao povoado Ilha Grande na cidade de Juazeirinho – PB afim de conhecer a realidade espacial e social dos trabalhadores, o povoado localiza-se na zona rural da cidade, que posteriormente comprova-se o processo de expropriação da terra e a falta de acesso ao trabalho.

A entrevista procurava identificar fatores econômicos que justificassem a saída dos trabalhadores do povoado Ilha Grande, Juazeirinho para as grandes cidades. Observa-se no quadro 1, dados relacionados ao sexo, a naturalidade e ao estado civil dos entrevistados, comprovando que 85% dos trabalhadores são Juazeirinhense e são casados, fator este que comprova uma busca de alternativa para as famílias.

## **RESULTADO DA ENTREVISTA COM OS AGENTES DO PROCESSO MIGRATÓRIO**

Neste item apresentarei os resultados obtidos através de entrevista realizada com os trabalhadores da construção civil residentes no município de Juazeirinho especificamente os trabalhadores do Sitio Ilha Grande, as entrevistas foram realizadas buscando obter informações capazes de explicar a razão desse fenômeno migratório.

A entrevista procurava identificar fatores econômicos que justificassem a saída dos trabalhadores da cidade de Juazeirinho para as grandes cidades. Observa-se no quadro 1, o sexo a naturalidade e o estado civil dos entrevistados, comprovando que 85% dos trabalhadores são Juazeirinhense e são casados fator este que comprova uma busca de alternativa para as famílias.

**TABELA 3 : Identificação dos entrevistados**

Pergunta	Resposta	Porcentagem
Sexo	Masculino	100%
Naturalidade	Juazeirinho	85,71%
	Campina Grande	9,5%
	João Pessoa	4,7%
Estado civil	Solteiro	19,4%
	Casado	61,9%
	Outros	19,04%

**Fonte: pesquisa de campo realizada pela autora de 10 a 15 de Março de 2017**

A totalidade dos entrevistados são do sexo masculino; durante toda a pesquisa não foi identificado nenhuma trabalhadora do sexo feminino, estes trabalhadores são filhos de agricultores em sua maioria Juazeirinhense, nascidos e criados no município, pessoas que construíram famílias na mesma localidade e vêm na migração um aspecto positivo para se buscar renda e o sustento da família.

**TABELA 4: Escolaridade e pretensões com a Educação**

Perguntas	Respostas	Porcentagem
-----------	-----------	-------------

Escolaridade	Ensino médio completo	33,33%
	Ensino fundamental completo	28,57%
	Ensino fundamental incompleto	38,09%
Continua estudando?	Sim	0%
	Não	100%

**Fonte: Pesquisa de campo realizada pela autora de 10 a 15 de Março de 2017**

Buscou-se conhecer a escolaridade destes trabalhadores. Observa-se que, a maioria cursou apenas o ensino fundamental incompleto, sendo alfabetizado funcional com grandes dificuldades de leitura e escrita, logo foram identificados que, os trabalhadores com menor escolaridade são os trabalhadores mais velhos, que logo justificavam o pouco estudo com a necessidade de se trabalhar ao invés de estudar e o difícil acesso às escolas em tempos passados. Em segundo lugar, estão os trabalhadores que concluíram o ensino médio, estes são mais jovens, justificaram que o não progresso nos estudos se dava pela necessidade de trabalho e consecutivamente falta de tempo para se dedicar aos mesmos atrelados a falta de disposição em estudar, “indisposição” que pode ser justificada pela longa jornada de trabalho. E representando a menor parcela estão aqueles que apenas concluíram o ensino fundamental, a justificativa para não continuar estudando resultava de dois fatores; tempo e necessidade de se trabalhar, sendo assim, não encontravam possibilidades de conciliação entre as duas funções.

**TABELA 5: Atividades econômicas e bens materiais dos trabalhadores**

Perguntas	Respostas	Porcentagem
Possui casa própria ou alugada?	Própria	100%
	Alugada	0%
Alguém mais da família trabalha?	Sim	9,5%
	Não	90,47%
Qual a sua função/ trabalho?	Pedreiro	66,66%
	Ajudante	19,04%
	Armador	14,28%

Possui outro rendimento?	Sim	4,76%
	Não	95,23%

Fonte: Pesquisa de campo realizada pela autora em 10 a 15 de Março 2017

A construção civil abriga todos estes trabalhadores, em sua maioria são pedreiros, não houve relatos de nenhum dos entrevistados ter feito curso de capacitação para a profissão, apenas conhecimento transmitido voluntariamente por parentes ou amigos próximos; os ajudantes são geralmente os mais jovens com pouco tempo de trabalho na construção civil e revelam-se aprendizes da profissão de pedreiro. Os armadores são, em sua minoria, jovens e por possuir uma habilidade melhor nesta função são ágeis e também não possuem curso de capacitação, profissão adquirida através de observação e repassada por gerações. Uma pequena parcela destes trabalhadores divide a responsabilidade financeira com as suas parceiras, a maioria assume a responsabilidade econômica doméstica e familiar, o que nos chama atenção é que a totalidade possui moradia própria, casa de tijolos, com cisternas, uma excelente mobília, automóveis, e por vezes mais de um, antena parabólica, internet, isto ressalta a importância do ponto de vista econômico, da migração para estes trabalhadores.

**TABELA 6: Rendimentos e motivos que levam os trabalhadores à migração temporária**

Pergunta	Resposta	Porcentagem
Renda mensal	1.000,00 R\$ mês	19,04%
	2.500,00 R\$ mês	66,66%
	2.800,00 R\$ mês	14,28%
Período que trabalha fora de Juazeirinho	Ano todo	100%
	Semestre	0%
Onde trabalham?	João Pessoa	90,47%
	Patos	9,52%
Motivos para a migração	Falta de opção de trabalho	100%
	Outros	0%

Fonte: Pesquisa de campo realizada pela autora no período de 10 a 15 de Março de 2017

Um dos nossos maiores questionamentos era exatamente saber qual o motivo para tantas migrações temporárias, diante do questionamento de qual motivo para a migração os trabalhadores em sua totalidade foram enfáticos, falta de opção de trabalho, numa região onde é conhecida pelo polígono das secas, a agricultura como forma de trabalho e sobrevivência se torna inviável pela baixa oferta de emprego e sazonalidade da produção e parca produção de alimentos; as alternativas paliativas são prestar algum tipo de serviço para a prefeitura, o que não abarca muita gente e assim torna-se a migração temporária a alternativa mais viável para estes trabalhadores, o rendimento que estes homens recebem na construção civil em João Pessoa é um valor muito acima da média de um trabalhador local, o que torna cada vez mais atrativo para parentes e amigos próximos destes migrantes a ideia de abdicar do conforto do lar, família, amigos para ir para as grandes cidades em busca de uma melhor qualidade e vida. A posse de bens materiais também se torna um atrativo a mais, tendo em vista a limitação dos não migrantes a estes bens de consumo, embora exista um apego ao seu território, a necessidade de buscar uma fonte de renda fala mais alto. Faz-se necessário buscar estratégias para driblar esta ausência sentida pelo enraizamento da cultura do modo de vida adquirido no seu território de vivência familiar, quando existe um deslocamento migratório não existe apenas um deslocamento espacial, mas um deslocamento social também atrelado a grandes fatores sociais.

Neste sentido buscamos dialogar com outros trabalhos desenvolvidos sobre o tema. Duarte e Lúzio (2004) falam que o território vai além de apenas uma dimensão territorial, mas também um campo de relações sociais que se projeta no espaço.

Podemos observar que o território, em sua dimensão simbólica, está repleto de significados afetivos para o indivíduo por estar vinculado à construção da história individual e coletiva. É suporte e produto da formação da identidade, pois nele são suscitados os sentimentos de pertencimento, enraizamento e especificidade (DUARTE e LUZÍO, 2004, p.6).

As tradições, os costumes, as crenças fazem parte da cultura e o modo de vida adquirido em seu território, estes dificilmente se desassociam da memória do indivíduo, mesmo estando distante do seu lugar de origem por um longo período de tempo, tais identidades estão vinculadas à personalidade e faz parte da história pessoal e de um povo.

#### **TABELA 7: Relação do trabalhador migrante sazonal com a terra**

<b>e as políticas públicas</b>		
Pergunta	Resposta	Porcentagem
Você exerce alguma atividade de cultivo?	Sim	4,76%
	Não	95,23%
Quais os produtos você cultiva ?	Feijão, milho	4,76%
	Sem cultivo	95,23
Quais políticas publica você e sua família se beneficia?	Bolsa família	42,85%
	PRONERA	0%
	PAA	0%
	PRONAF	0%
	Garantia safra	0%

**Fonte: Pesquisa realizada pela autora 03/2017**

Questionou-se se existia alguma relação do trabalhador com a terra, se exercia alguma atividade de cultivo, um pequeno percentual ainda mantém a atividade de plantar, de forma bem ressaltada que a prática não agrega recursos financeiros para a família, apenas para consumo próprio e feito de forma esporádica, como é tradicional na cultura junina do estado as comidas de milho são o atrativo para a colheita do milho e do feijão prato indispensável na culinária local sendo apenas estes dois produtos cultivados pelos trabalhadores. Imaginou-se que mediante as políticas públicas ofertadas pelo Governo Federal ao trabalhador rural houvesse uma maior resistência em migrar, porém a justificativa apresentada pelo trabalhador é que, mesmo com estes benefícios anda é pouco para sobreviver já que a terra é muito seca e não existe uma colheita regular, diante disto ter uma renda fixa é impossível, sendo mais fácil trabalhar fora, a bolsa família torna-se uma ajuda de grande valia, pois é responsável na contribuição de pequenas necessidades domésticas principalmente para as mulheres, que durante a semana assumem totalmente a responsabilidades do lar, e a ajuda que a bolsa família proporciona auxilia as famílias no cotidiano, enquanto o dinheiro proveniente do trabalho na construção civil não chega, geralmente chegam nos fins de semana quando tem o regresso dos filhos e maridos que foram para as grandes cidades trabalhar.

### **CAPÍTULO III: DO CAMPO PARA A CIDADE: O DESLOCAMENTO DE TRABALHADORES DE ILHA GRANDE/JUAZEIRINHO PARA JOÃO PESSOA**

A migração é uma realidade presente não apenas da cidade de Juazeirinho, o Nordeste sempre apresentou altos índices de migração ao longo dos anos, entretanto, a migração sazonal que configura uma migração com idas e vindas temporária, cresceu em proporção maior nas últimas décadas aqui na Paraíba, as principais razões são o apego à construção social e cultural de cada indivíduo, e o encurtamento das distâncias, compressão espaço-tempo, imposta pela migração. O apego de que falamos remete à identidade social do migrante que diz respeito as suas relações familiares e territoriais com o lugar em que vive. Fato registrado nas diversas situações de contato em que tivemos com os entrevistados.

A identidade aparece como uma construção cultural. Ela responde a uma necessidade existencial profunda, a de responder a uma questão: “quem sou eu?” Ela o faz selecionando um certo número de elementos que caracteriza, ao mesmo tempo, o indivíduo e o grupo: artefatos, costumes, gênero de vida, meio, mas também sistemas de relações institucionalizadas, concepção de natureza, do indivíduo e do grupo [...] (CLAVAL,1999,p.15).

Existem ligações fortes que caracterizam uma relação de apego, sentimento de pertencimento a um determinado espaço, resultado de experiências sociais, políticas ou religiosas que marcam a construção social e uma identidade para estes migrantes.

Durante todo o ano os homens chefes de família e os jovens em idades produtivas migram deixando suas particularidades e adquirindo novos hábitos comportamentais, estilos de vida provenientes das grandes cidades e do capital, 90,47% destes trabalhadores vêm para João Pessoa, sendo a capital do estado as maiores e melhores oportunidades de emprego estão aqui, é importante salientar que, existe um diferencial de valores do salário comparando os trabalhadores que exercem a mesma função em João Pessoa e Patos, a justificativa é atribuída ao tamanho da obra e ao potencial econômico do contratante.

Diante das adversidades dos lugares é muito difícil para estes trabalhadores resistirem à necessidade de migrar e permanecer de forma definitiva nas suas terras, embora a necessidade seja totalmente econômica não é apenas este fator que pesa na decisão destes homens, sair para trabalhar fora, significa deixar uma família, seus

costumes, seu modo de vida, suas práticas sociais sejam elas políticas, religiosas ou até mesmo familiares.

Estes trabalhadores deixam as suas residências sempre nas segundas feiras a partir das 02h30min da madrugada, fazem rodízios com seus automóveis, e partem em comboio, para que em possível imprevisto nenhum seja deixado para traz, é obrigação do motorista da rodada pegar cada trabalhador em casa, também é pago um valor de ajuda de custo para o combustível, à seleção de quem vai e em quê carro vai é feita a partir da proximidade do trabalho deles, ou seja, o elo é a proximidade de alojamento, assim fica mais fácil o trajeto e o deslocamento.

FOTO 3: Residência de um dos trabalhadores migrantes sazonais



Fonte: ERICA Elane ( 2017)

FOTO 04: Residência de um trabalhador migrante, apresentando características urbanas.



Fonte: Erica Elane (2017)

O retorno para casa acontece sempre às sextas feiras partir das 16:30h no fim do expediente da semana, encontram-se em pontos combinados anteriormente e assim partem em regresso para casa. A chegada é algo que transmite até um sentimento saudosista, presenciei em uma das minha visitas ao povoado Ilha Grande a chegada destes trabalhadores sem seus lares, sempre com muita expectativa pelas esposas e pelos filhos, tudo isto requer uma preparação seja de uma comida que o marido goste, seja por arrumação dos filhos à espera do pai, e principalmente das mulheres, que desde cedo fazem todo um ritual de beleza como arrumação de cabelo, unhas, colocam sempre uma boa roupa para estar apresentável no retorno do seus esposo ao lar, é uma tradição passada das mulheres mais velhas as mulheres mais novas, um espaço antes ocupado totalmente pela força e liderança das mulheres agora com a chegada dos homens passa a ser um ambiente tão familiar, é como se elas passassem agora toda a carga de responsabilidades, trabalho árduo para seus companheiros, mesmo que de forma simbólica, mas é notável a ansiedade que paira no povoado Ilha Grande até o retorno dos chefes de família.

Finais de semana são sempre festivos, em uma residência ou outra há sempre um almoço especial, uma comemoração e por se tratar de um povoado onde existe forte laço familiar, a reunião em evento como estes é inevitável, pois o povoado tem um ambiente propicio para estes trabalhadores que é chamado Palhoção da Ilha, um bar sempre com músicas de estilos musicais do gosto coletivo característico da região,

forró, sertanejo e brega. O lugar ainda dispõe de espaço para sinuca, baralho e dominó além de um chuveiro, este usado apenas em dia de evento no estabelecimento para atrair o público, é quase sagrado o encontro dos homens aos finais de semana no Palhoção, e já na pré-adolescência os pais levam os filhos homens para participar das atividades no estabelecimento como sinal de que agora eles estão entrando na vida adulta e já podem conviver naquele ambiente.

A presença de mulheres quase não existe, em exceção quando há datas comemorativas e ocorrem serestas, então o público torna-se diversificado. O campo de futebol também é outro atrativo voltado para o lazer destes trabalhadores, o povoado possui um time de futebol que representa muito bem a cidade em campeonatos locais e até regionais, os treinos e jogos ocorrem sempre no final de semana e isto faz com que grande parte destes homens tenham quase como obrigação comparecer ao campo, quando não para jogar, torcer e dá apoio ao time local, o número de homens e crianças que chega a concentrar são grandes, tornando assim quase um evento no povoado.

Os costumes e tradições acima citados é característico daquele território, isto o diferencia de outras localidades, para quem o vivencia estas práticas estão enraizadas na sua cultura e na sua personalidade, mesmo diante de tantas possibilidades apresentadas nas grandes cidades onde vivem a maior parte do tempo, não se tornam tão atrativas assim, o sentimento de pertencimento a outra localidade, outras vivências tem papel fundamental para a manutenção da migração sazonal destes trabalhadores, o que lhe é essencial as grandes cidades não tem para oferecer, tornando assim as grandes cidades apenas um potencial de trabalho e lucros, não interferindo nos seus laços pessoais construídos no lugar de origem.

Os atores sociais deste processo exercem uma múltipla relação entre as forças do trabalho atrelada as relações econômicas e as suas relações cotidianas, diante disto Saquet fala que a territorialidade vai além de uma simples relação cotidiana, provém da existência de um grupo de relações primárias construída sobre padrões sociais e culturais.

A territorialidade corresponde ao poder exercido e extrapola as relações políticas envolvendo as relações econômicas e culturais, indivíduos e grupos, redes e lugares de controle, mesmo que sejam temporários, do e no espaço geográfico com suas edificações e relações. A territorialidade efetiva-se em todas as nossas relações cotidianas, ou melhor, ela corresponde às nossas relações sociais cotidianas em trama, no trabalho, na família, na rua, na praça, na igreja, trem, na rodoviária, enfim, na cidade-

urbano, no rural-agrário e nas relações urbano-rural de maneira múltipla e híbrida (SAQUET, 2009, p.90)

A migração sazonal objeto da nossa pesquisa surge como uma expectativa de melhoria de vida, atrelada à necessidade de sobrevivência devido a falta de oportunidade de trabalho no lugar de origem dos trabalhadores entrevistados, que sem alternativas, saem em sua maioria ainda jovens. Sentem a imposição de migrar para as grandes cidades com a expectativa de suprir suas necessidades pessoal e familiar.

A subsistência dos moradores do Sítio Ilha Grande sempre veio da agricultura, com o passar dos anos este processo passa a ser inviável para os moradores, não apenas pelos fatores climáticos que são determinantes para o plantio e a colheita da lavoura, mas por uma grande parcela da população que optar por ser migrante, devido o baixo rendimento que se obtinha dependendo exclusivamente da agricultura, durante muito tempo buscou-se alternativas de convivência com a seca e o empobrecimento do solo, sem êxito, buscou-se alternativas paliativas para a subsistência, algumas destas alternativas são oriundas de políticas públicas dos governos estaduais e federal, na esperança de que o homem do campo não precisasse abandonar a vida rural para migrar para os grandes centros, políticas estas que não foram eficientes para manter estes trabalhadores nas suas origens, mas que trazem uma grande ajuda financeira para alguns, a exemplo disto temos o programa Bolsa Família do governo federal que assiste as famílias de baixa renda do país com um auxílio de 124,00\$ que proporciona uma ajuda de custo importante para essas famílias. Com falta de alternativas os pequenos agricultores ao longo de décadas migraram para as grandes cidades em especial a cidade de João Pessoa em busca de trabalho na construção civil. Na atualidade cada vez mais a juventude migra, são jovens que abdicam de seus estudos e da convivência familiar para seguir as mesmas alternativas que os pais, migram para buscar se manter, essas migrações embora pareçam fáceis, não são, são forçadas, alheias às suas vontades, sendo realizadas apenas pela necessidade de buscar uma fonte de renda para a sobrevivência. Para Martins, a migração se sobrepõe apenas a vontade de migrar,

(...) a migração não é apenas a passagem de uma localidade geográfica a outra, mas consiste na transição do sujeito, sozinho ou em grupo, de uma sociedade a outra. Nesse plano, o sujeito não é apenas uma unidade física, um número ou um objeto, mas é alguém que se vincula, pelas suas relações com os outros, a uma sociedade determinada. Do mesmo modo, participa de uma cultura que fornece como referência normas de comportamento apoiadas num sistema de valores. As relações de que participa na sua sociedade original são estabelecidas com base nesses componentes culturais, em graus variáveis,

interiorizados na sua personalidade (Martins, 1973: 19). APUD BOTELHO, M.I.V

Existem múltiplos pensamentos e decisões quando se decide migrar, o novo sempre surge como algo que traz dúvidas e mudanças que podem ser benéficas ou não, com base nas suas convicções familiares, social e cultural, o migrante deve se adequar a um novo espaço às novas vivências, exposições a novos costumes e culturas não que isto retire as suas experiências com seu território, o seu modo de vida estará sempre na sua memória, fazendo com que o sentimento de pertencimento a sua terra esteja presente nas suas convicções.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Toda migração traz transformação no espaço geográfico, isto se dá não apenas pelos agentes migrantes, mas principalmente pelas vidas e ações envolvidos neste processo. Na migração sazonal tais transformações são mais fáceis de identificar. Em principio os agentes causadores da migração tais como, falta de emprego, péssimas condições de trabalho, falta de políticas públicas eficientes destinadas aos trabalhadores da zona rural são reconhecidas como impulsionadores do processo migratório.

Os objetivos propostos pela pesquisa eram de identificar e analisar as principais causas e consequências decorrentes do movimento migratório sazonal dos trabalhadores da construção civil do Sítio Ilha Grande / Juazeirinho - PB, embora parecesse que alguns dos nossos questionamentos fossem já de conhecimento popular, foi fundamental compreender que o migrante não busca apenas um trabalho, ele procura salários justos e que lhe possibilite uma boa qualidade de vidas para as suas famílias, além ter uma profissão e exercê-la com dignidade isto sim é o essencial para eles, uma vez que tais fatores são quase impossíveis no seu lugar de origem.

As transformações no espaço se dão de várias maneiras, entretanto os fatores econômicos são refletidos através da “ostentação” de bens de consumo destes trabalhadores, bens como imóveis, automóveis, aparelho eletrônicos, celulares. Embora a prática migratória seja antiga, existem alguns fatores que são responsáveis pela melhoria na qualidade de vida destes trabalhadores atuais, uma delas foi a crescente demanda da construção civil nas últimas décadas, atribuída pelo sindicato, aos programas governamentais, supervalorizando o profissional da construção civil, ligado

com uma das maiores conquistas do sindicato dos trabalhadores da construção civil na Paraíba que se dá pelo fim do caixa 2 nas empresas empreendedoras, passando a partir de então, toda e qualquer renda que beneficiasse o trabalhador deveria ser anexada no contracheque, garantindo a ele um aumento significativo nos valores a ser recebidos, passando agora para uma crescente de aproximadamente 30 a 35% a mais no seu rendimento, esta conquista se deu no ano de 2011, resultado de uma longa luta da classe dos trabalhadores da construção civil que resultou no que eles classificam como a maior conquista dos últimos 12 anos.

As conquistas decorrentes do processo migratório moldam os seus personagens, a transformação dos migrantes comparados a um trabalhador não migrante, é notório, isto não se resume apenas aos bens de consumo, mas a forma de se vestir, de falar, novos hábitos, novos modos e gostos peculiares. Perceptível principalmente nos mais jovens, a “ostentação” não os fazem querer deixar suas origens para morar nas grandes cidades, as raízes que os prendem ao convívio social e familiar sobressaem a dimensão econômica.

Em contraste a tudo o que o poder do capital pode proporcionar a estas famílias de migrantes, perduram dois sentimentos; o de coragem para quem migra e o de saudade e cuidado de quem fica, a compensação financeira torna-se uma atenuação do fardo pesado que é ser migrante, sobreviver em meio as grandes cidades, tendo como único engajamento a busca da sobrevivência da sua família.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARANHA, M. L. de Arruda. Filosofia da Educação. 3 ed. São Paulo: Moderna, 2006.

ARAÚJO, Marcos Antônio Alves. A feira livre no sertão do Seridó potiguar: dos territórios construídos aos lugares praticados. MNEME, Caicó, v. 8. n. 21, p. 24-48, abr./mai. 2006.

BOTELHO, M. I. V. Vivências e experiências da migração. UNIMONTES Científica, Montes Claros/MG, v. 5, n.2, p. 25-39, 2003.

BRZOZOWSKI, Jan. Migração internacional e desenvolvimento econômico. Estudos Avançados, São Paulo, v. 26, n 75, Ago/ 2012.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CLAVAL Paul. O território na transição da pós-modernidade. GEOgraphia, Rio de Janeiro, ano I, Nº 2, Dezembro de 1999.

DUARTE, D. A.; LUZIO, C. A. A migração laboral de trabalhadores do setor de produção de energia hidrelétrica: a vivência subjetiva e as suas relações com o mundo do trabalho contemporâneo. In: HASHIMOTO, F. (Org.) Publicações, 2010.

ENGELS, F. Dialética da Natureza. México: s/e, 1961.

GIULIETTI AM, Bocage Neta AL, Castro AAJF. Diagnóstico da vegetação nativa do bioma da caatinga. In: Silva JMC, Tabarelli M, Fonseca MT, Lins VL (Org). Biodiversidade da Caatinga: áreas e ações prioritárias para a conservação. Brasília: MMA-UFPE; 2004. p.47-90.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. A Palavra do Outro: Uso e Ética. Comunicação apresentada no XX Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, 1996.

MENDONÇA, F; DANNI-OLIVEIRA, I. M. Climatologia- noções básicas e climas do Brasil. São Paulo: Oficina de Textos, 2007. 206 p.

MENEZES, M. Da Paraíba para São Paulo, de São Paulo para a Paraíba: migração, família e reprodução da força de trabalho. UFCG, 1985 (Dissertação de Mestrado).

\_\_\_\_\_ Construindo narrativas orais: interações sociais no trabalho de campo. In: Cadernos de Campo. Revista dos Alunos de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP. Ano 13. n.12, 2004.

SAMPAIO, Roberto C. Migrações internas no Triângulo Mineiro: análise demográfica e econômica (1960-1970). 1985. Dissertação- (Mestrado), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1985.

SANTOS, Milton. O Território e o Saber Local: algumas categorias de Análise. Cadernos IPPUR, Rio de Janeiro, 1999. Ano XIII, n.2, p.15-26.

SAQUET, Marcos Aurélio. Por uma abordagem territorial. In; SAQUET, Marcos Aurélio & SPOSITO, Eliseu Savério. Territórios e territorialidades: Teorias, processos e conflitos. São Paulo, Expressão popular, 2009.

SITES:

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Disponível em:  
<<http://www.dicio.com.br>> Acesso em: 26 de Abril de 2017.

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L1348.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L1348.htm)> Acesso em 26 de Abril de 2017.

**APÊNDICES**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA**

**CENTRO DE CIENCIAS EXATAS E DA NATUREZA – CCEN**

**CURSO DE GEOGRAFIA**

**DISCIPLINA PESQUISA GEOGRÁFIA**

**ORIENTADOR: DR. MARIA DE FÁTIMA RODRIGUES**

## **Entrevista ao representante do SINTRICOM/PB**

Entrevistado \_\_\_\_\_

1º Quantos trabalhadores do município de Juazeirinho são sindicalizados?

2º Quais são as principais reivindicações dos trabalhadores na atualidade?

3º Quais são as conquistas do sindicato para os trabalhadores obtidas nos últimos anos?

4º Se há melhorias na qualidade de vida dos trabalhadores a que o sindicato atribui isto?

5º Qual a jornada de trabalho do trabalhador da construção civil? E o intervalo para o almoço?

6º Existe algum acompanhamento do sindicato em relação às condições de trabalho dos trabalhadores da construção civil?

7º Quando foi criado o sindicato? Existe filiação do sindicato a alguma central sindical?

Roteiro de Entrevista (migrantes sazonais do Sitio Ilha Grande/ Juazeirinho)

Período: março de 2017

Roteiro organizado pela Prof.a Maria de Fátima Ferreira Rodrigues

Data de realização da entrevista \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_.

Disciplina: Iniciação a pesquisa Geográfica

**I- Elementos de Identificação do entrevistado:**

1.2 Nome.....

1.3. Sexo: ( ) masculino ( ) feminino ( ) outros

1.4. Naturalidade:.....

Estado civil : solteiro ( ) casado ( ) outros ( )

1.5. Nível de escolaridade:

( ) sem instruções ( ) ensino fundamental incompleto ( ) ensino fundamental completo

( ) ensino médio incompleto ( ) ensino médio completo ( ) ensino superior incompleto

( ) ensino superior completo

1.6. Continua estudando? ( )sim ( ) não Por que?.....

.....

1.7. Tem casa própria ou mora em casa alugada ?

.....

1.8. Qual é o seu trabalho ?

.....

1.9. Além de você outros membros de sua família trabalham aqui em Juazeirinho ? Trabalham em quê ?

.....

1.10 Além do salário você tem outros rendimentos de outras atividades ?

.....  
 .....

1.10 Qual é a sua renda mensal ?

.....

1.11 Em algum período do ano trabalha fora de Juazeirinho? Sim ( ) não ( ) Por quê?

.....  
 .....  
 .....

1.13 Houve melhoria na vida após a migração (caso migre alguma vez no ano)

Explique.....

.....  
 .....

1.14 -Em que outros lugares trabalha ?

João Pessoa	Patos	Campina Grande	Observações
-------------	-------	-------------------	-------------

1.15 Você exerce alguma atividade de cultivo?

.....

1.16 Quais produtos você cultiva ?

.....

1.17 Com quais políticas públicas sua família se beneficia?

Bolsa família ( ) PRONERA ( ) PAA ( ) PRONAF ( ) Garantia safra ( ) outros  
( ) .....

1.18 Você pensa ou já pensou em migrar definitivamente para outra cidade? Por quê e para onde? .....

.....

### **ANOTAÇÕES**

Observe o ambiente onde se realiza a entrevista e descreva

---

---

---

---

---

---

---

---